# SINFONIA do CORAÇÃO

NICODEMOS ARAÚJO

*Antes que a escritora e poeta Orildes Sales me pedisse, ofereci-me para fazer a orelha do livro* **Sinfonia do Coração,** *de Nicodemos Araújo, que conheci no Acaraú, em companhia de outro poeta daquelas plagas, Márcio Catunda, hoje diplomata residindo em Brasília. Márcio o conhecia de longas datas e me falava dele com muita ternura.*

*Nicodemos Araújo possui uma bibliografia rica e variada, e que já conta com dezoito títulos editados. Agora ele nos dá mais um volume de versos, com um título nostálgico, bem expressivo, e que ele chama de "Canto de Cisne". Nada disso: eu também muitas vezes cruzei a caneta e os braços sobre a mesa de trabalho, com o firme propósito de desertar do convívio das musas; foi pior, porque voltei mais ansioso. Como vulgarmente se diz, ou sabiamente se diz, poeta é semente, não morre. E como o vento e as vagas do mar, não pode parar...*

*Nicodemos Araújo, o poeta que temos às mãos, é um poeta cristão: manso, sereno, simples, humilde, como seu coestaduano Pe. Antônio Tomás, também um ribeirinho. São assim designados os que nascem (e morrem) à margem do Acaraú – rio e cidade. Audifax Rios, ficcionista e desenhista, do mesmo pedaço de chão, diz, com grande autoridade, que a Ribeira do Acaraú começa de Santana, e que a expressão "ribeirinho" é a única que define, com precisão, os habitantes daquele estirão de terra, que o rio banha e rebanha com suas gentes, bichos, lendas e abusões.*

**Capa: Cláudio Felipe**

# SINFONIA DO CORAÇÃO

NICODEMOS ARAÚJO

# S I N F O N I A  D O  C O R A Ç Ã O

ACARAÚ – CEARÁ
1990

## DADOS SOBRE NICODEMOS ARAÚJO

*– Pais: João Lopes de Araújo e Francisca Silveira Lopes*

*– Data do nascimento: 10 de março*

*– Livros publicados:*
- *– Harmonia Interior - versos*
- *– Vozes da Alma - versos*
- *– Pela Glória do Altar - versos*
- *– Falas do Coração - versos*
- *– Folhas do Outono - versos*
- *– Cantos do Entardecer - versos*
- *– Luzes do Ocaso - versos*
- *– Santa Cruz do Acaraú - História*
- *– Município de Acaraú - História*
- *– Bela Cruz - História*
- *– Notas do Município de Acaraú - História*
- *– Almofala e os Tremembés - Ensaio*
- *– Acaraú - Cidade Centenária - História*
- *– Santana do Acaraú - Monografia*
- *– O Anjo Protetor - Teatro*
- *– Descendência de Meus Avós - Genealogia*
- *– Capitão Diogo Lopes - Biografia*

*– Títulos culturais:*
- *Sócio Correspondente da Academia Cearense de Letras*
- *Sócio Correspondente da Academia Sobralense Estudos e Letras*
- *Sócio da Academia de Letras Municipais do Brasil*
- *Diploma da Academia Internacional de Letras, por participação em Concurso de Poesias.*

*A poesia é o bálsamo harmonioso da alma.*

*Coelho Neto*

*A poesia tem sido, ao longo da história da cultura,*
*a linguagem inicial e triunfal dos povos*

*Artur Eduardo Benevides*
*Príncipe dos Poetas Cearenses*

*Dizer em verso o que nossalma encerra,*
*É o consolo melhor que existe sobre a terra.*

*Martins Fontes*

*Na medida em que envelhecemos, percebemos que a única cousa que enche nossas mão não é aquilo que tomamos, mas aquilo que damos.*

*Catherine Payzan*

**SUMÁRIO**

Em Louvor da Semente..... 21
Palavras ao Divino Juiz..... 22
Mãos..... 23
Bendita Saudade..... 25
Ceará..... 26
Trovas da Paz..... 27
O Menino Simão..... 29
O Pomo de Asfaltite..... 30
A Mentira do Vicente..... 31
Lopes..... 32
Solidão..... 33
Brasil do Meu Orgulho..... 34
Terapia da Dor..... 35
Cromo..... 36
O Trabalho..... 37
Eucaristia..... 38
A Menina e os Assaltantes..... 39
Sorriso é Amor..... 40
O menino da Calçada..... 41
O Lions Clube..... 43
Outra Banda..... 45
O Cego Alonso..... 47
Sonhos Novos..... 48
Lagoa do Mato..... 49
Como Ser Feliz..... 50
A Rosa que Feneceu..... 51
Alto da Genoveva..... 52
Virtudes Teológicas..... 53
Jericoacoara..... 54
Festa de Casamento..... 55
Amizade..... 56
Trovas para o Dia das Mães..... 57

A Pesca Milagrosa..... 59
Balão de São João..... 61
Novenas de Maio..... 63
Pentecostes..... 65
A Vida do Homem..... 66
Madre Teresa de Calcutá..... 67
Trovas da Seca ..... 68
A Porta Aberta..... 70
O Almoço do Zé Pintado..... 71
Alcoolismo..... 72
Hino ao Professor..... 73
Hino à Juventude..... 74
Samuel Bele-Beti..... 75
Fagulhas..... 81

## A P R E S E N T A Ç Ã O

*Na minha pertinácia, muito própria da idade, escrevi mais algumas dezenas de poesias, que estão enfeixadas neste livrinho.*

*Tal como aconteceu com todas as outras a que dei publicidade, trata-se de um trabalho simples. E os versos aqui apresentados foram escritos sem vaidade nem pretensão de qualquer natureza, o que aliás não se justificaria.*

*São poemas que, em sua maioria, focalizam fatos da vida real. Versos assim naturais, sem atavios, escritos ao correr da pena.*

*Como Eduardo Fontes, nestes poemas assim tão singelos, tento "levar uma mensagem de amor à vida, tão grande, tão bela, tão digna de ser conservada".*

*Quanto a sua aceitação por parte dos possíveis leitores, repito Gonçalves Dias em seus "Primeiros Cantos":*

*–"Contentar-me-ei se agradarem; se não... é sempre certo que tive o prazer de os compor".*

*Sim, porque eles vieram do meu íntimo, com a sonoridade de uma música alentadora para minha ancianidade. Isto porque, em verdade, já "vou me sentindo velho e fatigado, de caminhar por esta ingrata vida", como falou o Príncipe Antônio Tomás. São como as raízes da árvore de João Jaques, "que me vêm do subsolo da alma".*

*Afinal tem-se aqui alguns versos de um velho poeta matuto. E constituem "os sonhos de pobre", fala Humberto de Campos.*

*Para mim, no entanto, este modesto opúsculo muito e muito representa, não só de esforços, mas também de vitória e de conforto espiritual, porque encerra o canto alegre de minhalma e a sinfonia do meu coração.*

***Nicodemos Araújo***

*ACARAÚ, 1986*

## TRABALHOS DE NICODEMOS ARAÚJO

*Harmonia Interior - versos, 1935*
*Santa Cruz do Acaraú - monografia, 1936*
*Vozes da Alma - versos, 1940*
*Município de Acaraú - monografia, 1940*
*Minha Prece - poema, 1947*
*Pela Glória do Altar - hinário, 1953*
*O Anjo Protetor - teatro, 1954*
*Falas do Coração - versos, 1955*
*Bela Cruz - monografia, 1967*
*Folhas do Outono - versos, 1970*
*Município de Acaraú - monografia, 1971*
*Descendência de Meus Avós - genealogia, 1977*
*Capitão Diogo Lopes - biografia, 1978*
*Cantos do Entardecer - versos, 1979*
*Almofala e os Tremembés - monografia, 1981*
*Acaraú Cidade Centenária - síntese histórica, 1982*
*Santana do Acaraú - síntese histórica, 1985*
*Luzes do Ocaso - versos, 1985*
*Município de Bela Cruz - esboço histórico, 1986*
*Jericoacoara - monografia, 1986*

# P R E F Á C I O

*O escritor Nicodemos Araújo traz a lume o livro de poesias "SINFONIA DO CORAÇÃO", quando a sua sensibilidade extravasa do âmago as lembranças vividas de um grande poeta, entregando ao mundo uma gama de emoções, de amor, de ternura, de sentimentos fatigados ao longo da estrada da vida, ditos tão bem por quem sabe dizer com alma e coração.*

*Sua vida marcada pelo amor telúrico e envolvido de paixões fez filmar, para a história cultural de sua terra, os momentos marcantes que formaram o patamar do crescimento do povo simples da pequenina cidade acolhedora, que mesmo distante dos grandes nomes literários, soube embalar os nossos corações com a força descritiva que só a alma do poeta sabe receber o transmitir emoções,*

*Disse-me em carta o poeta conterrâneo e amigo que este livro representa o "Canto do Cisne", e por aqui pretende ele "pendurar as chuteiras", Mas esqueceu o poeta que a floresta estende o manto verdejante ao mundo que chora entre soluços e gemidos e o canto dos pássaros não pode parar. Nicodemos traz na alma a seiva da vida que é o bálsamo acalentador dos tristes e oprimidos, Revive o segredo da germinação da flor, da alegria que marca o choro de uma criança ao nascer, contrastando com as lágrimas dos que partem deixando a saudade, muitas vezes sem dizer adeus. Falando a linguagem das mãos, traduz o pensamento da alma, transportando na saudade a imagem presente, nutrindo a esperança de novos sonhos, de nova vida.*

*Louva o Ceará em estágio de evolução, quando uma imagem de criança de tranças e enorme cabeleira tornou-se "Terra do Sol", revivendo o imortal José de Alencar. Clama a paz nos corações dos homens, quando a guerra nuclear ameaça em transformar o homem em máquina sangrenta.*

*O poeta traz na alma o registro imutável do talento inato, quando em diferentes andanças retrata a história secular da igrejinha de Almofala, configurando imagens da civilização de um passado histórico. De sua lavra, somam-se dezoito livros editados e entregues ao público amante da cultura, sem a menor vaidade de promoção em momentos festivos, entregando aos amigos seus feixes de lembranças, tão simples como uma flor campestre a desabrochar na estrada da vida.*

*A lira do poeta chora de saudade dos sonhos a empolgar a alma, quando impiedosamente vem a velhice com sua bagagem de lembranças armazenadas na arca dos sonhos de um passado feito por quem sabe transmitir emoções.*

*O emérito escritor Nicodemos Araújo, na intensidade da luz projetada na memória e no coração, enternece a nossa alma com o lindíssimo poema "A Menina e os Assaltantes", verdadeira homilia numa eucaristia de doação. São lindas páginas ungidas de emotividade e amor, outras curvadas ao peso dos sofrimentos ou ainda aliviadas pela esperança na peregrinação silenciosa da fé. O guerreiro popular da arte de escrever transforma a indiferença em verdadeira doutrina, enquanto o homem na sua fragilidade, esquece os componentes racionais e humanos. Faz ressurgir as lembranças que lhe marcaram o dia a dia e na multiplicidade de suas motivações, quebra os tabus da linguagem, quando retrata a alma do camponês. Todas as emoções registradas na sua longa caminhada têm conotação religiosa, dando-lhes infinitas dimensões.*

*E agora, o festejado historiador e poeta fala em calar a voz na esplêndida alvorada da carruagem da vida e da experiência, quando significa a morte lenta do pássaro cantor. Homem simples, sensível e verdadeiro semeador de emoções, armazenando cabedal de grande inteligência, faz da ciranda da vida fonte luminosa a esconder-se na gruta tranqüila do pequenino mundo, cuja cidade também me viu nascer.*

*Vá em frente, mestre, e mostre ao mundo que a fonte inesgotável da água cristalina não pára, quando a mensagem traz a força da alma no gesto envolvente da lira que chora.*

*Maria Orildes Sales Freitas*

## EM LOUVOR DA SEMENTE

*Todas as flores do futuro estão nas sementes de hoje.*

*Provérbio chinês*

*Abençoada sejas, oh! semente,*
*alma viva da planta no embrião.*
*Seja no arbusto insignificante,*
*seja na árvore frondente,*
*és uma força que se consolida,*
*promissora e atuante,*
*no milagre biológico da vida,*
*no prodígio triunfal da multiplicação.*

*Tu vieste da flor,*
*no segredo do pólen que germina.*
*E, ao sadio calor*
*do sol belo e e dourado*
*que aquece e que ilumina,*
*rebentaste no pomo amadurado*
*da planta viridente,*
*perpetuando a espécie, oh! próspera semente.*

*Inobstante assim tão pequena e modesta,*
*és a célula-mãe do reino vegetal.*
*Seja na relva do campo ou na árvore da floresta,*
*mostras a tua força excepcional.*

*Preciosa e utilíssima semente,*
*eu vejo no mistério surpreendente*
*do teu nascer e tua reprodução,*
*a obra providencial do Deus da Criação,*
*e a colaboração da natureza,*
*em seu labor de esplêndida beleza.*

## PALAVRAS AO DIVINO JUIZ

*Então verão o Filho do homem voltar com grande poder e glória*

*Marcos 13,26*

*A Dom Edmilson Cruz*

*Jesus Cristo Senhor, há quase dois mil anos*
*aqui vieste, Homem-Deus, para salvar o mundo.*
*Tua Mensagem de paz anunciaste aos humanos,*
*na grandeza sem par do Teu amor profundo.*

*E os Doutores da Lei, de instintos desumanos,*
*num conluio de ódio e de perfídia oriundo,*
*urdiram contra Ti abomináveis planos.*
*E morreste na cruz, ante o bando iracundo.*

*Prometeste voltar, para o Juízo Final.*
*Aguardamos, Senhor, Tua vinda triunfal*
*e o perdão que pra nós Tua Justiça traz.*

*E rogamos ao Pai que esse Teu julgamento*
*encontre um povo fiel ao Grande Mandamento.*
*na fraternização benéfica da paz.*

## MÃOS

*Depois dos olhos e do cérebro, as mãos são o mais espiritual dos órgãos humanos.*

*Pe. Antônio Vieira*

Ao Pe. Osvaldo Chaves

*As mãos da gente,*
*em sua variedade de funções,*
*estão ligadas muito estreitamente*
*aos nossos corações.*
*E suas posições e movimentos*
*traduzem quase sempre os nossos pensamentos.*

*Há mãos abertas, para o adeus amigo,*
*e mãos crispadas, ameaçando o inimigo.*

*Mãos que operam, que pintam, que modelam,*
*que desenham, que bordam, que cinzelam.*

*Mãos que agridem, que condenam, que agrilhoam;*
*mãos que aplaudem, que saúdam, que abençoam.*

*Mãos benditas de mãe. Seu gesto a esperança,*
*a fé e o amor traduz,*
*quando, na oração, traça o sinal-da-cruz*
*na fronte pura do filhinho criança.*

*Houve a mão negregosa,*
*que atroz desgraça veio anunciar.*
*Foi aquela que na noite pavorosa*
*assombrou os comensais de Baltazar.*

*E há mãos que, na verdade,*
*confrangem mesmo o coração da gente,*
*pelo quadro emocionante*
*que nos fazem presente.*
*São as mãos que o nordestino* ***retirante****,*
*nos duros tempos da calamidade,*
*no sofrimento que ninguém consola,*
*na miséria sem nome, estende*
*a todos, suplicando esmola,*
*prá não morrer de fome.*

## BENDITA SAUDADE

*Esta alegria... é bem de quem no sonho acha a ventura,*
*vendo a beleza em tudo quanto existe.*

*Da Costa e Silva*

*Eis-me aqui caminhando pela vida...*
*Ficaram atrás os lépidos enganos.*
*Já vai longa a estrada percorrida,*
*na marcha ininterrupta dos anos.*

*Na juventude de ilusões florida,*
*a vida em festa de ideais mundanos,*
*tinha a doce atração que nos convida*
*a nutrir sonhos joviais e ufanos.*

*Mas, embora no ocaso da existência,*
*vivo alegre, na paz de consciência*
*que a fé no Cristo e os próprios anos dão.*

*Amena luz meus passos alumia.*
*E eu, cantando, bendigo esta alegria*
*que tanto bem me faz ao coração.*

## CEARÁ

*Oh! minha terra, do augusto templo/da liberdade és fúlgida coluna,*
*deste sempre o exemplo,/que teu nome de glórias afortuna.*

*Antônio Sales*

*A Francisco José Ferreira Gomes*

*Glória a ti, meu Ceará, com tua Fortaleza*
*e seus encantos e amavios,*
*seu jeito de princesa!*
*Glória a ti, com estes teus "mares bravios",*
*com teu povo, teu chão, tua grandeza!*

*Bendita sejas tu,*
*terra das rendas, do couro, do caju*
*e da esbelta carnaubeira,*
*de porte, em vertical, airoso e belo,*
*com seus cachos de tom verde-amarelo,*
*"como tranças de enorme cabeleira".*

*"Terra do Sol". Este sol louro e candente,*
*que nos anos de secas estorrica,*
*mas, para tua gente*
*dá saúde, tempera e fortifica.*

*Na riqueza sem par deste terreno,*
*há quase quatro séculos passados,*
*com a fibra viril dos denodados,*
*pisou Soares Moreno,*
*teu experiente colonizador.*
*Ele, que alguém veio a supor,*
*ou identificar,*
*seria o Guerreiro Branco que Alencar*
*pós em seu primoroso romance-poema,*
*como o príncipe dos sonhos de Iracema.*

*Glória a ti, meu Ceará, "Terra da Luz"!*
*Força viva do "País de Santa Cruz".*

**TROVAS DA PAZ**
*(Em seu Ano Internacional)*

*A paz é a saúde das Nações. Tudo sorri em tal regime.*

*Coelho Neto*

*Neste Ano que as Nações*
*quiseram à Paz consagrar,*
*que os humanos corações*
*consigam, enfim, sossegar.*

*Se o bem da fraternidade*
*entre os homens se espalhar,*
*veremos a humanidade*
*amor e paz respirar.*

*Para a saúde dos povos*
*que desejam prosperar,*
*a Paz tem remédios novos*
*e terapia salutar.*

*Se num projeto fecundo*
*a gente se irmanizar,*
*vai ver a paz neste mundo*
*perenemente reinar.*

*Se da união a semente*
*entre os homens germinar,*
*há de se ver, certamente,*
*o fruto da paz medrar.*

*Conviver pacificamente:*
*se entender e se ajudar,*
*eis um propício ambiente*
*onde a paz quer se instalar.*

*Paz é presente de Deus,*
*que mandou Jesus pregar.*
*E há Nações que até nos céus*
*querem a guerra exercitar.*

*Ao Criador, pai e amigo,*
*peçamos sempre evitar*
*ao mundo o imenso perigo*
*de uma guerra nuclear.*

## O MENINO SIMÃO

*Está aqui um menino que tem cinco pães*
*de cevada e dois peixes.*

*S. João 6,9*

*À Irmã Margarida Maria Barata de Castro*

*Filho sofrido de viúva pobre,*
*ele tem, contudo, um sentimento nobre.*
*É o menino Simão.*
*A sua profissão*
*é vender peixe assado e vender pão.*

*Naquele dia,*
*o garoto, de cesto abarrotado,*
*muito cedo juntou-se à grande romaria*
*que seguia o Profeta Pregador:*
*– um jovem galileu predestinado*
*para nos corações plantar a paz e o amor.*

*O sol já no ocidente mergulhava,*
*quando André, apressado,*
*veio a Simão comprar o que restava*
*no cesto: uns poucos pães e peixe assado.*

*E o garotinho, então, maravilhado,*
*viu o Pregador, quase transfigurado,*
*erguer os olhos ao céu, em oração.*
*E em seguida mandar*
*repartir a pequena refeição*
*com todos, que comeram até fartar!*

*Era um Deus. Era Jesus de Nazaré,*
*trazendo para o mundo a luz da fé,*
*e ao povo todo o bem da salvação.*
*E o menino Simão,*
*emocionado e cheio de alegria,*
*dava graças ao Céu, porque naquele dia*
*ajudara a Jesus, que, em Sua missão,*
*acudiu, saciou aquela multidão.*

## O POMO DE ASFALTITE

*Esse fruto de pele em sangue e ouro embebida, desfazendo-se*
*em fel, desfazendo-se em lama, havia de amargar*
*por toda a tua vida.*

*Alfredo de Miranda Castro*

*Consta que às margens do Mar Morto existe*
*um fruto tentador, belo, dourado*
*cuja atração no exterior consiste,*
*que de cinza e lama infecta é recheado.*

*Quem o colhe ao desejo não resiste*
*de saborear o gomo cobiçado.*
*Ao prová-lo, porém, logo desiste,*
*ao sentir o mau cheiro evaporado.*

*Assim também no mundo há muita gente*
*intrigante, falaz, malevolente,*
*que, obedecendo ao seu destino torto,*

*se nos mostra gentil e prestimosa,*
*mas guarda nalma pérfida e maldosa*
*a corrupção do fruto do Mar Morto.*

## A MENTIRA DO VICENTE

*Quando um pobre lhe estender a mão, não a deixes vazia,*
*porque Deus te contempla,*

*Nabuco de Araújo*

*Uma dessas historinhas*
*que a gente encontra, às vezes, nas* ***folhinhas****.*
*A família era somente*
*uma viúva pobre e seu filho Vicente,*

*Como era costume, o menino trazia*
*dois pães de água e sal, para a cela do dia.*
*E encontrou no caminho*
*um velhinho, bem velhinho,*
*aleijado, faminto, maltrapilho,*
*que lhe estendeu a mão,*
*pedindo esmola, suplicando pão.*
*E o garoto lh'o deu, com carinho de filho.*

*Em casa ele falou naturalmente:*
*– "Desculpa, mãe, já comi o meu pão.*
*Estou farto, Este é pra tua refeição".*
*É que o nosso Vicente*
*obrigou-se a mentir,*
*e assim o fazia,*
*para sua mamãe não repartir*
*com ele o pão que trazia.*

*E enquanto a velha come,*
*o garotinho vai dormir com fome.*

*Mas embora de estômago vazio,*
*é o vencedor daquele desafio.*

*Por isso guarda no seu coração*
*o gosto bom de sua nobre ação.*

## LOPES

*Senti a angústia que nossalma corta, de ver o ente querido*
*ali sem fala, numa atitude que a chorar exorta, as mãos no peito,*
*a face cor de opala*

*Carlos Cavalcante*

*Para Zezinha Carvalho Araújo*

*Com mais de oito decênios no roteiro,*
*Lopes partiu para a final morada.*
*Meu amigo, meu irmão, meu companheiro,*
*na vida humilde muita vez pesada.*

*De todos fez-se amigo, sempre ordeiro,*
*em vivência leal fraternizada.*
*A sua profissão de merceeiro*
*por ele foi constantemente honrada.*

*Deus agora o chamou – eu acredito –*
*na imensidão de Seu amor bendito,*
*pra dar-lhe o prêmio que no Céu já tem.*

*Pois, sem queixa, sem ódio, sem quizília,*
*viveu para o trabalho e pra família,*
*sem nunca fazer mal para ninguém.*

## SOLIDÃO

*A solidão e o silêncio são asas robustas para os surtos do espírito.*

*Camilo Castelo Branco*

*Todos nós, nos caminhos desta vida,*
*experimentamos a necessidade*
*de procurar a solidão,*
*pra consultar nossa interioridade,*
*nalgumas horas de conversação.*

*Nas derrotas, pesares, frustrações,*
*quando atingem mais fundo os nossos corações,*
*é bom dialogar*
*conosco mesmo, silenciosamente.*
*Isso faz amenizar*
*a amargura da gente.*

*Então,*
*toda vez que os fracassos, os* ***dilemas***
*vierem perturbar nossa tranqüilidade,*
*busquemos coloquiar na solidão,*
*com a nossa intimidade.*
*E, com espírito de fé, em clima de oração,*
*acharemos a chave dos problemas.*

## BRASIL DO MEU ORGULHO

*O Brasil nada teme no presente, orgulha-se do passado*
*e confia serenamente no futuro.*

*Getúlio Vargas*

*Orgulho-me de ti, o meu Brasil gigante,*
*pelo que tens de bom, pelo que tens de nobre;*
*por este povo herói, que, em seu amor constante,*
*deu-te a glória imortal que te eleva e te cobre.*

*Orgulho-me de ti, pelo teu mar ondeante;*
*pelos tesouros mil que este teu solo encobre;*
*pelo verde sem par da selva exuberante*
*que dá conforto ao rico e dá riqueza ao pobre.*

*Orgulho-me de ti, pelas tuas cachoeiras;*
*pelos rios coleando em perene harmonia;*
*pelos campos em flor e as serras altaneiras.*

*Pelo teu lindo céu perpetuamente azul,*
*onde um sol de áurea luz brilha durante o dia,*
*e à noite resplande o Cruzeiro do Sul.*

## TERAPIA DA DOR

*Sentia-me infeliz, porque não tinha sapatos, até o dia em que encontrei um homem que não tinha pés.*

*Saadi*

*A Dinorá Tomás Ramos*

*Nesta vida, amiúde nos queixamos*
*de qualquer cousa que nos atormenta.*
*E até injustiçados nos julgamos,*
*se o infortúnio por acaso aumenta.*

*Quantas vezes, no entanto, nos achamos*
*perto de alguém que embaldemente tenta*
*viver a vida em que nos encontramos*
*alguém que sofre, mas não se lamenta.*

*Enfeitemos de luz a noite escura.*
*Seja um hino de amor nossa existência,*
*na esperança que o bem nos assegura.*

*Dor temperada de resignação,*
*não traz queixume nem maledicência;*
*e é cruz que nos garante a salvação.*

## CROMO

*A Rua tem vida e alma. Eu considero a Rua o melhor livro de filosofia.*

*Mário Pederneiras*

*Sobre uma nuvem dourada*
*o sol, soberbo, fulgura.*
*Na manhã iluminada*
*tem mais beleza a natura.*

*Mulheres varrem a calçada*
*da praça que se inaugura.*
*Os pardais, em revoada,*
*dançam ciranda na altura.*

*Com seus livros nas mochilas,*
*garotas passam pra escola,*
*brincando, fazendo filas.*

*Cantarolando, feliz,*
*a doidinha Marizola*
*se banha no chafariz,*

## O TRABALHO

*Sem trabalho não pode haver progresso ativo no bem-estar dos homens*

*Samuel Smiles*

*O trabalho é a alavanca do progresso,*
*E é fator de sucesso,*
*tanto para o homem, individualmente,*
*quanto para as nações.*
*É suporte econômico da gente*
*nas cidades, nos mares, nos sertões.*

*Grande escola da vida – disse alguém,*
*falando muito certo e muito bem.*

*Seja a mão bem-cuidada*
*do funcionário do escritório,*
*seja a mão suarenta e calejada*
*do rude lavrador,*
*são igualmente honradas,*
*pelo seu exercício meritório,*
*pelo seu proveitoso e digno labor.*

*O cérebro que pensa e o braço que trabalha*
*– dupla que o exemplo e o bem no mundo espalha –*
*constituem riquíssima coroa*
*que a sociedade admira e o bom Deus abençoa.*

## EUCARISTIA

*A Eucaristia é o alimento que conserva e perpetua a juventude imarcescível do Cristianismo na terra.*

*Pe. Leonel Franca*

*A João Damasceno Vasconcelos*

*Meus louvores a ti, sublime Eucaristia.*
*Eu creio que de ti vem a bendita luz*
*que na vida espiritual meus passos alumia,*
*porque encerras o corpo e o sangue de Jesus.*

*Mistério feito pão que o espírito sacia*
*e a verdadeira paz no coração produz,*
*tens a força que os fiéis dispõe, orienta e guia,*
*pra viverem, realmente, a Mensagem da Cruz.*

*Pão do Céu que Jesus nos deu naquela ceia,*
*labareda da fé que nalma se me ateia,*
*és a marca de Deus na vida do cristão.*

*Meus louvores a ti, partícula divina,*
*que, em verdade me dás, tal como a fé me ensina,*
*um seguro penhor da minha salvação.*

## A MENINA E OS ASSALTANTES

*A inclinação humana, já na criança, tende muito mais para o bem do que para o mal*

*Ernst Eli*

*A Maria Orildes Sales Freitas*

*Oito anos, sua idade. Elisomar, seu nome.*
*Estava em casa sozinha,*
*quando viu penetrarem na cozinha*
*dois homens seminus. Eram assaltantes.*
*E a garota pensou: estão com fome.*
*E logo perguntou: "Querem almoçar?"*
*– "Queremos"- – responderam os meliantes.*

*Elisomar pôs a mesa assim jeitosamente.*
*E falou novamente:*
*– "Não rezam a oração*
*de ação de graças, pela refeição"?*
*E, ignorando o perigo:*
*– "Não sabem? Pois então rezem comigo:*
*Obrigado, Senhor,*
*pelo alimento*
*que nos dais neste momento,*
*pela vossa bondade e pelo vosso amor".*

*Após o almoço os homens se entreolharam.*
*E um tanto atrapalhados,*
*meio desconcertados,*
*dali se retiraram,*
*sem cousa alguma de valor levar.*
*Apenas a lembrança*
*daquela corajosa e inocente criança*
*que os fizera rezar.*

*(Da imprensa)*

## SORRISO É AMOR

*O sorriso é a melhor demonstração de bondade,*

*Humberto de Campos*

*O sorriso é a voz do coração*
*na terna sinfonia da amizade.*
*Privilégio que Deus, em Sua bondade,*
*nos deu pra ser veículo de união.*

*É um poema de amor e compreensão*
*que une as pessoas na fraternidade;*
*um testemunho de afetividade,*
*na sua mais legítima expressão.*

*Para viver em paz, vamos sorrir*
*dos outros, de espírito jucundo,*
*que o sorriso é tão bom de repartir...*

*E sendo ele um presente do Senhor,*
*uma dádiva do Céu, que vem ao mundo,*
*não neguemos ao irmão. Sorriso é amor.*

## O MENINO DA CALÇADA

*Qual o mal que fizeram os meninos sem teto, sem amor,*
*sem roupa e alimento? Por quê?*

*Francisco José Ferreira Gomes*

*Sob a marquise do Supermercado,*
*deitado na calçada,*
*o menino dormia,*
*descalço, seminu, cor macerada.*
*O bracinho dobrado*
*de macio travesseiro lhe servia.*

*Eu olhava o Menino da Calçada...*
*O sol ia subindo... E gente, atarefada,*
*passava, indiferente.*
*Um homem forte, barbado, ar soberano,*
*fumando um bom cigarro americano,*
*olhou o garoto desdenhosamente,*
*e falou: "Descuidista, vagabundo".*
*É mesmo assim o mundo.*

*O menino mais tarde acordaria*
*sem pão e sem café,*
*para mais outro dia*
*sem instrução e sem fé.*

*Pensei...*
*Deliberei.*
*Num gesto imediato,*
*deitei no carro a gélida criança,*
*e falei ao chofer: Para o Orfanato.*
*Nunca é tarde demais para a esperança.*

*Atendeu prontamente*
*uma enfermeira de face angustiada.*
*Olhou o pequeno demoradamente...*
*Em seus olhos, então, eu vi o intenso brilho*
*de uma lágrima fluindo, luminosa,*
*que "tremeu, tremeu, tremeu e rolou, silenciosa".*
*E, de repente,*
*a enfermeira, entre feliz e amargurada,*
*gritou: "Meu filho! Sim, ele é meu filho!"*
*E abraçou-se ao Menino da Calçada.*

## O LIONS CLUBE

*O homem mais feliz é aquele que faz a felicidade de um maior número de outros.*

*La Rochefoucald*

*É nobre, animador, contagiante*
*o labor desses grêmios liberais,*
*que, ao fulgor de sublimes ideais,*
*se integram na tarefa edificante*
*de servir, de ajudar ao semelhante,*
*em tantas e tão belas promoções sociais.*

*Na firme execução*
*de seu bem elaborado e esplêndido programa,*
*há o calor benéfico da chama*
*do entusiasmo construtivo.*
*Eis porque seu trabalho e sua atuação*
*neste exemplo fraterno de união,*
*sempre apresentam saldo positivo.*

*Em cada reunião*
*desta sociedade*
*assim constituída*
*de gente confiante, que olha a vida*
*sob o prisma da fé, do amor e da esperança,*
*há sempre muita cousa a discutir,*
*no setor do serviço e do servir.*
*Seja em favor da coletividade,*
*seja em prol da criança,*
*do jovem ou do ancião.*

*A disponibilidade*
*e a responsabilidade*
*para cumprir a missão*
*que porventura ali se lhes confia,*
*os sócios manifestam com alegria,*
*numa disposção animadora,*
*seja o Leão*
*ou seja a Domadora.*
*No Lions não se sabe conjugar*
*os verbos odiar, recuar ou negar;*
*conjuga-se somente o verbo amar,*
*o verbo trabalhar, verbo ajudar.*

*O Lions, em resumo, eis o que é:*
*– Escola de serviço e de amizade,*
*ao sadio calor da solidariedade.*
*– Laboratório dinâmico de fé,*
*onde o esforço, a ação de cada um*
*são praticados para o bem comum.*
*O sentido integral de sua atividade*
*é o benefício da comunidade.*

*Sua meta, no presente e no porvir,*
*é e será servir, sempre servir.*

## OUTRA BANDA

*Tem sol, argênteo mar, praia alvadia/Povo da rua simples,*
*boa gente./Quanto a bênção do azul traz alegrias!*

*Otília Franklin*

*Dizem que os primitivos habitantes*
*do Bairro de Outra Banda eram viajantes*
*procedentes de além-mar.*
*Usavam barcos, que, em marés de enchente,*
*vinham freqüentemente,*
*ali descarregar*
*mercadorias que, na "Estrada Real",*
*carros de bois levavam pra Sobral.*

*Pescadores do sul – outros chegam a adiantar –*
*que vinham do **Presídio** ali morar.*

*No decorrer do tempo esse arraial cresceu.*
*E do progresso no ritmo.*
*embora demorado,*
*naquele antigo povoado marítimo*
*esta cidade secular nasceu.*

*Hoje nossa Outra Banda é um bairro forte*
*no aspecto urbano, na população*
*e na vida social.*
*Tem Posto de Saúde, Igrejas, Hospital;*
*tem bom comércio, indústrias de alto porte,*
*Balneário e Torre de Televisão;*
*e tem um bom carnaval.*

*E seu porto fluvial*
*registra intensa movimentação.*
*Embarcações que vêm, embarcações que vão.*
*Mais de cem pescadores,*
*de ouvido atento ao ronco dos motores,*
*exercem ali a pesca artesanal,*
*que é o suporte econômico local.*

*E, para orgulho da sociedade,*
*já conta quatrocentos estudantes.*
*Esses jovens e crianças*
*são também quatrocentas esperanças;*
*são autênticos endossantes*
*do risonho porvir daquela comunidade.*

## O CEGO ALONSO

*Quanta poesia existe, amargurada, nesse olhar,*
*que se abre para o céu e não vê nada.*

*Francisca Júlia*

*A*
*Antônio Camelo de Araújo*

*Freqüentemente o vejo na cidade,*
*tateando a esmo, em sua noite escura.*
*É o cego Alonso, que viver procura*
*do minguado farnel da caridade.*

*Doloroso pungir meu peito invade*
*ver aquela inditosa criatura.*
*Nessa moléstia que não tem mais cura,*
*seu sofrimento amenizar quem há-de?*

*Ah! se eu pudesse, meu prezado amigo,*
*fraternalmente repartir contigo*
*a luz que nos meus olhos ainda resta!*

*Isso eu faria prazerosamente,*
*para sentir minhalma mais contente,*
*o rosto alegre e o coração em festa.*

## SONHOS NOVOS

*Sorrir para a vida é dizer sim ao plano de Deus,*

*Arlos Alonso Shimitt*

*Nasci, cresci, atingi a juventude,*
*quando inundou-me o coração*
*e a mente o som festivo e temo do alaúde*
*das ilusões que então cativam a gente.*

*Os sonhos, na atração que tanto ilude,*
*empolgaram minhalma de repente,*
*com força tal, que duvidar não pude.*
*E acreditei, adolescentemente.*

*Mas a velhice apareceu na estrada.*
*As ilusões bateram em retirada,*
*incontinenti, como a idade quis.*

*Ficou comigo esta lembrança boa*
*que minha ancianidade repovoa*
*de sonhos novos, num "final feliz".*

## LAGOA DO MATO

*Lagoa de águas límpidas e puras, a cujo espelho se enamora o céu e a cuja margem nívia garça cisma, poetizando a beleza da paisagem,*

*Cruz Filho*

*A*
*José Mozar de Araújo*

*Entre a ribeira e o cajueiral virente,*
*a bonita lagoa, já famosa,*
*já tradicional,*
*muito piscosa,*
*onde a marreca, a jaçanã, o tetéu,*
*cantam ao luar, sonorizando o céu,*
*tornou-se um balneário para a gente*
*do alto mundo social.*

*Abrindo um largo hiato*
*na colina em florescência,*
*nossa Lagoa do Mato,*
*com três mil metros de circunferência,*
*tem grande ultilidade*
*para os rebanhos e a comunidade.*

*Ao sul e norte, como dois canteiros*
*lhe marcam dois outeiros;*
*a oeste, avulta a mata exuberante,*
*protegendo de sombra o arroio murmurante;*
*a leste, a majestosa carnaubeira*
*"tem certos modos de mulher faceira",*
*com seus pendões de flores amarelas*
*entre as palmas tão verdes e tão belas.*

*Ali, há longos anos, sobre a encosta,*
*em local destacado,*
*manteve um hospital,*
*dentro do qual,*
*com seu carisma de predestinado,*
*exerceu humanitária profissão,*
*o legendário Capitão*
*Diogo Lopes de Araújo Costa.*

## COMO SER FELIZ

*Sorrindo para os outros, o homem vai ao encontro*
*do que eles têm de melhor.*

*Cardeal Suenem*

*Há dez lustros eu venho residindo*
*nesta nobre Acaraú ditosa e boa,*
*onde vejo o alegre mangueiral florindo*
*e a garça branca à margem da camboa.*

*Meu amor a Bela Cruz, profundo e infindo,*
*de quando em vez a mente me povoa,*
*recordando da infância o quadro lindo*
*que a saudade benéfica abençoa.*

*Assim vou caminhando na existência,*
*com amizade e fraterna convivência,*
*qual Deus ordena e o coração bendiz.*

*Pois é vivendo esta fraternidade,*
*em paz com todos na comunidade,*
*que a gente aprende a amar e ser feliz.*

## A ROSA QUE FENECEU

*Ante o esquife de Márcia Silveira*

*Quando uma virgem morre, uma estrela aparece,*
*Nova, no velho engaste azul do firmamento.*
*E a alma da que morreu, de momento a momento,*
*Na luz da que nasceu palpita e resplandece.*

*Olavo Bilac*

*Márcia, uma emoção penosa me crucia,*
*ao ver-te inerte assim, neste ataúde,*
*enquato os teus, na dor que os flagicia,*
*deploram o golpe inesperado e rude.*

*Mostras ao lado, em tua fotografia*
*risonha e bela, a vida em plenitude.*
*– Por que se apaga a chama que alumia*
*uma tão preciosa juventude?*

*São desígnios do Eterno Pai, que a gente*
*não consegue entender. Resta, somente,*
*que, aceitando a funesta realidade,*

*Vejamos pela fé, tua alma pura*
*subir, alegre, na infinita altura,*
*para a suprema paz da Eternidade.*

## ALTO DA GENUVEVA

*Mais recuadamente chamou-se Alto da Genuveva, em virtude,*
*ao que se diz, de morar aí uma mulata desse nome.*

*Raimundo Girão*

*A Aureliano Diamantino da Silveira*

*Aquele monte escalvado*
*e encravado*
*pertinho da lagoa,*
*onde a pacova floresce e a jançanã revoa,*
*desde vetusta idade*
*se fez o atalaia da localidade.*
*E durante agum tempo a geração primeva*
*deu-lhe a denominação de "Alto da Genuveva"*

*É que velha mulata rezadeira,*
*e experiente, e arteira,*
*"nas priscas eras que bem longe vão",*
*ali plantou seu pé de ganha-pão.*

*Famílias abastadas*
*também ergueram lá suas moradas.*
*Finalmente o rochedo entrou na história,*
*alumiado de glória,*
*quando a gente do povoado em formação*
*um templo construiu pro ritual cristão.*

*Seis e meio decênios a capela*
*no mais alto do morro então ficou de pé,*
*formosa afirmação pujante e bela*
*de união e de fé.*

*Ali, naquele outeiro pedregoso,*
*sobre o qual, desde cedo, o sol radioso*
*derrama sua luz*
*aurífera e sadia,*
*há dois e meio séculos nascia*
*minha sempre querida Bela Cruz.*

## VIRTUDES TEOLOGAIS

*A Caridade é uma virtude que não desacompanha jamais suas irmãs:*
*a Fé que dá o ânimo e a Esperança que alenta o coração.*

*Almeida Garret*

*FÉ*
*Oh! luz quase divina*
*que as almas ilumina,*
*em marcha para o Céu,*
*és força, és energia,*
*conforto, amparo e guia*
*do mundo no bailéu.*

*ESPERANÇA*
*Alento desta vida,*
*vigor que nos convida*
*em busca do porvir,*
*tu és, meiga Esperança,*
*a nossa confiança*
*nos dias que hão de vir.*

*CARIDADE*
*És tu, virtude amiga,*
*unção que a dor mitiga*
*do pobre sofredor.*
*O teu calor fraterno*
*é dom que o Pai Eterno*
*nos deu, no Seu amor.*

## JERICOACOARA

*A povoação de Jericoacoara tem grande valor histórico-cultural,*
*pois sua origem está ligada à colonização do Brasil.*

*Josef Georgen*

*Alva, plana, macia, extensa, fascinante.*
*É assim a praia de Jericoacoara*
*– Obra maravilhosa e rara*
*da natureza. O afoito navegante*
*que ali passa, em seu ofício temerário,*
*talvez recorde, ainda, o Forte do Rosário,*
*erguido há quase quatrocentos anos.*
*Ali seus defensores espartanos*
*infligiram duríssimos reveses*
*às hordas inavasoras dos franceses.*

*Lá da curva onde o mar emenda no infinito,*
*as ondas partem, sucessivamente...*
*E vêm rolando, espumando, e uivando, impetuosas,*
*até que, numa festa esplendida de cores,*
*se despedaçam violentamente*
*nas faldas anfractuosas*
*do morro de arenito,*
*que ergue o dorso e se alonga, alastrado de grama,*
*e enfeitado de árvores e flores,*
*tornando ainda mais belo o belo panorama.*

*É um encanto ficar-se ali, para escutar*
*a perene canção oceânica do mar.*
*Em cima – o céu azul, na sua imensa tela;*
*em baixo – a praia branca imensamente bela.*

*Alguém que, porventura,*
*daquela praia histórica se acerque,*
*nestas noites de luar esplendecente e ameno,*
*talvez suponha ver, vagando na planura,*
*as sombras de Jerônimo de Albuquerque*
*e de Soares Moreno.*

## FESTA DE CASAMENTO

*Sem alegria a humanidade não compreenderia a simpatia e o amor.*

*Ramalho Ortigão*

*É noite. A lua está bela.*
*E o caboclo Xico Bento*
*festeja seu casamento*
*com a Maria do Vilela.*

*O Tônio da Manoela*
*anima o povo bulhento*
*que no terreiro, ao relento,*
*dança o **arrasta-chinela**.*

*Enquanto a moçada ginga,*
*todo mundo bebe **pinga**,*
*sem fazer nem cara feia.*

*E o noivo, **alegre** e contente,*
*diz:—-"Hoje aqui, minha gente,*
*cai coco e feijão bjjeia".*

## AMIZADE

*A boa amizade é para o homem o que a água pura e límpida*
*é para o beduíno sedento.*

*Malba Tahan*

*A sincera amizade,*
*na pureza de sua graça espiritual,*
*é mistura de amor e simpatia,*
*de sentimento leal,*
*tão bela como a luz, no dealbar do dia.*

*Existe na amizade*
*um fluido maravilhoso e contagiante*
*de generosidade,*
*que une as pessoas afetuosamente,*
*em permuta confiante*
*de relações na vida convivente.*

*A amizade que vem do coração*
*é meiga e suave,*
*como um gorjeio de ave,*
*em manhã luminosa de verão.*
*Tem a sensibilidade da união,*
*com mútua confiança*
*e efetiva segurança,*
*na beleza encantadora da afeição.*

## TROVAS PARA O DIA DAS MÃES

*Dia das mães! É o dia da bondade. Enquanto a mãe cantar junto de um berço, cantará a Esperança para o mundo.*

*Ghiaroni*

*Dia das Mães! Esta data*
*há de rebrilhar na história,*
*sempre mais bela e mais grata,*
*plena de amor e de glória.*

*Dia das Mães! Expressão*
*que diz amor e alegria.*
*Com flores do coração*
*enfeitemos este dia.*

*Esta data que é bendita,*
*na Palavra do Senhor,*
*tem dimensão infinita*
*no santo mapa do amor.*

*Mãe, o teu nome sagrado*
*Deus faz brilhar na amplidão.*
*E eu tenho ele guardado*
*bem dentro do coração.*

*Querida mãe, neste dia*
*abençoado e fulgente,*
*te ofereço, com alegria,*
*meu coração de presente.*

*Alô, alô, mãe querida,*
*emblema de amor e paz,*
*eis minhalma agradecida*
*ao bem que você me faz.*

*Mãe, imagem do perdão,*
*em tua imensa bondade*
*encontramos a razão*
*da nossa felicidade.*

*Nossa homenagem sentida,*
*nosso carinho e alegria*
*são para a mamãe querida,*
*soberana neste dia.*

*Mãe – efígie de uma flor*
*que tem a essência mais pura.*
*Palavra que diz – amor;*
*expressão que diz – ternura.*

*O bom Deus, que o amor encerra,*
*guarde em Sua proteção*
*todas as mães desta terra,*
*na ternura que nos dão.*

## A PESCA MILAGROSA

*Maria Mãe! Maria Aparecida, Vós lançastes a paz no continente!*

*Daniel Silva Santos*

*Inquestionavelmente,*
*não estava para peixe aquele dia*
*o velho* ***Paraíba****, tão piscoso,*
*e alvacento, e espumoso.*
*Desde o clarão da aurora, aquela gente,*
*numa intensa porfia,*
*lançava as redes, mas, inutilmente.*

*Mas, tinham de pescar*
*para o Governador de São Paulo – o Conde de Assumar.*

*De repente,*
*João Alves sentiu a rede mais pesada...*
*Mas, quando vem à tona, inexplicavelmente,*
*ali estava, em cerâmica esculpida,*
*a imagem da Senhora Aparecida,*
*decapitada.*

*Milagre! Alguém gritou.*
*O prodígio, porém, se comprovou*
*quando, um pouco mais adiante,*
*a cabeça da santa foi pescada.*
*Um fato singular, impressionante,*
*que aquela gente, então, deixou maravilhada.*

*Mas, tinham de pescar*
*pra dom Pedro de Almeida – o Conde de Assumar.*

*E a rede novamente foi lançada.*
*No entanto, desta vez voltou abarrotada!*
*E os velhos pescadores, quase insanos,*
*ante aquela milagrosa pescaria,*
*acreditaram até*
*que com eles ali se repetia*
*o que se dera, há quase dois mil anos,*
*com Tiago e Pedro, lá em Genesaré.*

*Havia peixe, então, pra comitiva inteira.*
*E o Brasil tinha, agora, a sua Padroeira.*

## BALÃO DE SÃO JOÃO

*Ei-lo agora que sobe – pequena cousa tocante na escuridão do Céu.*

*Manoel Bandeira*

*É a noite festiva de São João.*
*E o povo comemora a tradição,*
*alegremente, religiosamente:*
*– Tem fogueira,*
*pistolas, busca-pés, e tem ronqueira;*
*aluá, milho assado, macaxeira, para o gosto da gente.*

*Os compadres ali se dão as mãos,*
*como amigos, como irmãos.*
*Foi São João que mandou,*
*e São Pedro confirmou.*
*E haja adivinhação e brincadeira*
*ao redor da fogueira.*
*Brincadeira inocente, salutar,*
*como convém a uma festa popular.*

*Chega o momento de soltar o balão*
*feito de gomos de papel colorido.*
*Ponto alto da função,*
*é o brinquedo talvez mais preferido.*
*Acende-se o morrão*
*ensopado de óleo combustível.*
*e o balão vai se inflando e se enfunando...*
*E vai tomando forma, e vai ficando*
*oblongo,*
*quase longo,*
*semelhando um pequeno* ***dirigível.***
*Finalmente, a um impulso que lhe dão,*
*meio titubeante, avança na amplidão.*

*E, ao passo que a fogueira arde e crepita,*
*afugentando o breu da escuridão,*
*ao espocar do rojão,*
*o balão ganha altura.*
*E, bambeando, à procura*
*da abóboda infinita,*
*à multidão de estrelas se mistura...*

## NOVENAS DE MAIO

*As recordações são os astros que adornam as noites da velhice.*

*Tomás Ribeiro*

*O coração da gente, em minha idade,*
*é um baú velho cheio de saudade.*

*Então, abrindo hoje o livro do destino,*
*Lembro minha Santa Cruz dos tempos de menino.*

*As novenas de maio – Oh! o mês de Maria! –*
*na linda capelinha*
*ornamentada de palmas de **tabuba**,*
*à luz de velas de cera de carnaúba.*
*Parece que estou vendo, e aqui memoro,*
*na grande tela das recordações.*
*O professor Nicácio lia as orações,*
*ao passo que as **cantoras**, lá no **coro***
*entoavam bendito e ladainha,*
*e a "Salve Rainha",*
*que o povo respondia,*
*em refrão de piedade e de alegria.*

*E junto do Cruzeiro, em frente da capela,*
*a velha Mariana,*
*com seu chapéu-de-peba, toda ufana,*
*vendia suas broas*
*tão macias, tão doces e tão boas,*
*arrumadinhas dentro da gamela.*

*Seu Manezinho,*
*bem humorado e bem pequenininho,*
*apregoava o leilão,*
*sempre espirituoso e brincalhão,*

*No **patamar**, o velho João Reinaldo*
*desde cedo soprava, entusiasmado,*
*o pífaro de taboca em que tocava.*
*E Raimundo Fortunato, empavonado,*
*com a perícia de Orfeu tangendo a lira,*
*batendo com dois paus, acompanhava*
*em seu tambor de couro de mambira.*

*E, quando em vez, lá no alto espocava*
*o foguete que Seu Neco fabricava.*

*Recordo muito bem. Na última novena*
*assistia-se ali comovedora cena:*
*– muitas moças, de branco, em filiais louvores,*
*no altar da Virgem-Mãe, lhe oferecendo flores.*

*Ditosos tempos que a infância traz,*
*em que "marchamos descuidosamente,*
*e as esperanças vão conosco à frente",*
*como tão bem cantou o Padre Antônio Tomás.*

*Oh! minha Santa Cruz dos tempos de criança,*
*onde cantei, feliz, o hino da esperança,*
*ao lembrar-me de ti retorno àquela idade*
*que sempre me há de vir, na antena da saudade.*

## PENTECOSTES

*De repente veio do Céu um ruído... Apareceu-lhes, então, uma espécie de línguas de fogo, que se repartiam e repousaram sobre cada um deles.*

*Atos 2-2,3*

*Os discípulos estavam apavorados,*
*e cuidadosamente aferrolhados.*

*Pavor da fúria dos judeus mandantes.*
*É que seu chefe, o homem-Deus Jesus,*
*que havia rejeitado e condenado*
*as leis judaicas e suas tradições,*
*abalando, com críticas seguras,*
*de sua sociedade as velhas estruturas,*
*morrera supliciado*
*nas trevas de uma cruz.*

*Mas, de repente,*
*eles ouviram um ruído surpreendente.*
*E labaredas que do Céu baixaram,*
*sobre todos eles, um a um, pousaram.*

*Era o Espírito de Deus, que em sua onipotência,*
*presente, nessas chamas coruscantes,*
*assim quis visitar,*
*para dar força, para encorajar*
*e até comunicar*
*àqueles homens puros, mas ignorantes,*
*as luzes da Ciência*
*e a dinâmica da Fé.*

## A VIDA DO HOMEM

*Viver é conviver. Viver é amar.*

*Guerra Junqueiro*

*A*
*Dimas Carvalho Muniz*

*"Façamos o homem à nossa semelhança".*
*Assim falou o Criador.*
*E o homem começou a sua caminhada*
*e o seu labor,*
*na esplêndida alvorada*
*do amor e da esperança.*

*A vida é um dom de Deus. Eis a verdade.*
*Então vamos honrá-la,*
*e dimensioná-la*
*pelo trabalho digno e construtivo,*
*ao fraterno calor da solidariedade,*
*em gesto nobre, amigo e compreensivo.*

*"Somente o amor constrói", já disse alguém.*
*Então, façamos o bem.*
*Uma festa de ternura e de querência*
*seja o nosso viver, nossa existência.*
*A sinfonia bendita da união*
*sonorize de amor o nosso coração.*

*Neste mundo de Deus, a nossa vida*
*somente é bem vivida,*
*conforme as normas da fraternidade;*
*só tem sentido humano e sentido cristão,*
*quando nos integramos, de verdade,*
*na contextura* da comunidade,
pra ser amigo, pra ajudar ao irmão.

## MADRE TERESA DE CALCUTÁ

*Ela partiu para um trabalho de assistência que se tornou imenso,*
*transpondo os limites da Índia e chegando ao Brasil.*

*Frei Hugo Bággio*

*Ei-la, em sua bendita romaria,*
*a viajar por este mundo além.*
*É Madre Teresa de Calcutá,*
*no seu santo labor de todo dia.*
*Peregrina da paz, viajeira do bem,*
*seu caminho o bom Deus sempre alumiará.*

*Mesmo no limiar dos oitenta anos,*
*ela transpõe continentes e oceanos.*
*E, onde há infelizes prá ciudar,*
*sua ajuda preciosa vai levar.*

*Onde ela vai o Cristo está presente,*
*abençoando as multidões.*
*O gigantesco afã dessa anciã franzina,*
*que o amor fraternal constantemente ensina,*
*já foi reconhecido oficialmente*
*pelo justo consenso das Nações.*

*Em seu trabalho de missionária,*
*ela se fez realmente extraordinária,*
*no imensurável coração que tem.*
*Enviada do Céu, a percorrer o mundo,*
*na tarefa de emissária,*
*trouxe ao Brasil, também,*
*os favores sem par de seu labor fecundo.*

*Bendita sejas tu, Madre Teresa,*
*com esse teu altruísmo,*
*esse teu dinamismo*
*e essa tua fortaleza.*

## TROVAS DA SECA

*Mais uma tremenda calamidade acomete vasta zona pátria e tudo se aniquiia na fornalha candente.*

*Ildefonso Albano*

*É dia de São José,*
*e o inverno não chegou.*
*O povo, então, perde a fé,*
*que a seca se declarou.*

*Muita gente se prepara,*
*nas angústias desta hora,*
*pra tomar um "Pau-de-Arara",*
*e emigrar país afora*

*Mais flagelante que a peste,*
*mais violenta que a guerra,*
*é a seca do Nordeste,*
*que tanta gente desterra.*

*Fica a querida morada,*
*as coisas de estimação.*
*E esta triste retirada*
*vai desertando o sertão.*

*O sol as plantas queimando,*
*o chão se abrindo em crateras,*
*as criações se acabando*
*em derredor das taperas.*

*Um bando da* ***retirantes***
*na estrada poenta rasteja.*
*São guerreiros vacilantes*
*desta aflitiva peleja.*

*Desta mãe desesparada*
*o filhinho, insatisfeito,*
*chupa as tetas sem ter nada;*
*quer viver de qualquer jeito.*

*Uma família extenuada*
*pelo calor da soalheira,*
*descansa à beira da estrada,*
*na sombra da marizeira.*

*Na aspereza da secura,*
*caminha um resto de gado*
*que inutilmente procura*
*o bebedouro esgotado.*

*Sugere um velho prudente: "*
*– Num deixem nosso rinção;*
*logo mais o Presidente*
*manda pra nóis o* ***Bolsão****."*

*É assim, na luta infrene*
*por sua sobrevivência.*
*Apelam para a Sudene,*
*para os Planos de Emergência.*

*Ninguém alcança vitória*
*nesta luta que amofina,*
*pois é a marcha da história*
*da Região Nordestina.*

*É um flagelo secular,*
*que já constitui dilema.*
*E ninguém consegue achar*
*a solução do problema.*

*Ainda a voz nos ressoa*
*do santo monarca extinto,*
*que ofereceu sua coroa*
*ao cearense faminto.*

## A PORTA ABERTA

*A mulher que só ama ao seu legítimo esposo, merece ser verdadeiramente amada.*

*Berilo Neves*

*O fazendeiro Mateus está de visita*
*à fazenda que tem lá no sertão.*
*E a mulher do vaqueiro é tão bonita*
*que em pinotes lhe põe o coração.*

*Bola um plano atrevido,*
*de linhas muito tortas...*
*Manda o pobre marido*
*a um **rodeio** qualquer,*
*e fala pra mulher:*
*– É preciso fechar todas as portas".*

*Ela vai, mas retorna incontinenti;*
*e fala, calmamente:*
*– "Uma porta, senhor, não vou fechar;*
*ela tem de ficar*
*aberta sempre, permanentemente".*
*– "Que porta é esta? "– Perguntou Mateus.*
*E a mulher, sempre calma e convincente:*
*– "Aquela que existe entre nós dois e Deus".*

*Aí o fazendeiro encabulou,*
*e saiu porta afora.*
*Cabisbaixo, meio tonto, foi-se embora.*
*E à tal fazenda nunca mais voltou.*

## O ALMOÇO DO ZÉ PINTADO

*A fome desagrega todas as fibras do organismo, numa devassidão impressionante.*

*Josué de Castro*

*Na casa do Zé Pintado*
*ferve o gostoso feijão,*
*à espera do comilão*
*que vai chegar do* ***roçado****.*

*O Xiquinho, adoentado,*
*impaciente e chorão,*
*pergunta, junto ao fogão:*
*– "Mamãe, já tá cuzinhado?"*

*Eis que o Zé entra, afobado.*
*A Josefa, com cuidado,*
*estende a esteira no chão.*

*E o marido, esfomeado:*
*– "Muié, faz isto escaldado,*
*qui eu hoje quero é pirão".*

## ALCOOLISMO

*O homem viciado em álcool poderá tomar-se alucinado, por ter diluída sua moral.*

*Maria Orildes Sales Freitas*

*Estava o homem deitado,*
*esparramado na coxia,*
*dormindo a sono solto, e já molhado*
*na água poluída que escorria.*

*Meia idade, barbado, enxovalhado...*
*Era o efeito danoso da bebida;*
*era o alcoolismo*
*corroendo aquele mísero organismo;*
*estragando, aniquilando aquela vida.*
*Era mais um tipo marginalizado,*
*Esse era o seu estado quotidiano.*
*que o mundo chama de farrapo humano.*

*E enquanto se transforma num espantalho,*
*imprestável, de vez, para o trabalho,*
*a família, coitada, se consome,*
*catando lixo, pra aliviar a fome.*

*Mais um exemplo estava ali presente,*
*para o mundo social.*
*Enfim pra toda gente,*
*– desde a própria criança ao ancião –*
*que se deve espelhar*
*naquele desgraçado.*
*E, com todas as forças, evitar*
*esse vício maléfico e fatal,*
*que constitui uma degradação;*
*avilta o homem e o faz degenerado.*

## HINO AO PROFESSOR

*A educação é uma arte de amor. Realizá-la perfeita, é colaborar com Deus, completando-lhe dignamente a obra.*

*Coelho Neto*

*Quinze de outubro é uma data que a História*
*nos conserva na memória,*
*para festas e louvor.*
*No calendário, que bem alto colocamos,*
*com alegria festejamos*
*O Dia do Professor.*

*Refrão: Festa de glória, festa de amor.*
*É assim o Dia do Professor.*

*Na decorrência desta data alvissareira,*
*toda a Nação brasileira*
*saúda seu benfeitor.*
*Com gratidão e com respeito, nossa gente*
*comemora alegremente*
*o Dia do Professor.*

*O Mestre é o grande paladino da instrução.*
*Traz à nova geração*
*um condão de alto valor.*
*O magistério, pela sua excelsitude,*
*faz vibrar a juventude,*
*no Dia do Professor.*

*Abrir caminhos pra conquista das ciências,*
*cultivar inteligências,*
*é a missão do educador.*
*E é para ele, nesta fraternal mensagem,*
*nosso preito de homenagem,*
no Dia do Professor.

## HINO À JUVENTUDE

*O valor da mocidade depende da causa a cujo serviço ela for posta.*

*Tristão de Ataíde*

*Juventude, um formoso horizonte*
*se descerra no teu caminhar.*
*O laurel que tu levas na fronte*
*tenha um lindo e perene brilhar.*

*Refrão: Sê feliz, oh! Juventude,*
*em teu ideal tão puro!*
*Fulgure em sua amplitude*
*a glória do teu futuro.*

*Essa tua efetiva confiança*
*não fraqueja na busca da glória.*
*Teu presente se chama – Esperança;*
*teu futuro se chama – Vitória.*

*Que o amor ao trabalho e à virtude,*
*numa crença de intenso luzir,*
*os problemas da vida te mude*
*em brilhante e ditoso porvir.*

*Deus te guie, Juventude atuante,*
*em teu sonho vibrante e fecundo.*
*Força nova e tenaz que garante*
*o amanhã do Brasil e do mundo.*

## SAMUEL BELI-BETE O AHASVERUS

*(Lendo O MÁRTIR DO GÓLGOTA, de Perez Escrich)*

*– "Sabes quem foi Ahasverus? – O precito.*
*O mísero judeu que tinha escrito*
*Na fronte o selo atroz.*
*Eterno viajor de eterna senda, em tenda,*
*Espantado a fugir de tenda*
*Fugindo, embalde, à vingadora voz".*
*Castro Alves*

*Jesus morrera além, no topo do calvário.*
*E toda a natureza*
*mergulhava em profundíssima tristeza.*
*Havia em tudo algo de extraordinário,*
*sob o grande domínio de um mistério*
*doloroso, sinistro, aterrador, funéreo.*

*Total escuridade a terra amortalhava,*
*e um silêncio feral no ambiente pairava..*

*Era o protesto augusto da natura*
*contra o crime maior da humana criatura.*
*Era a reprovação formal das coisas mudas*
*à monstruosa traição sacrílega de Judas.*

*Da negrura, porém, do imenso firmamento,*
*raro em raro, uma estrela peregrina*
*lançava sobre a terra*
*mortiço fio de mortiça luz*
*que vinha iluminar o cadáver sangrento*
*da Vítima Divina,*
*– Homem-Deus que o perdão, o amor e a paz encerra,*
*que a todos nós remiu nos braços de uma cruz.*

*Ao longe o velho mar na sua imensidade,*
*profanando a mudez da noite erma e sombria,*
*recitava, em surdina, um salmo de agonia.*
*E o gemer do oceano, em graves sons profundos,*
*parecia encerrar de toda a humanidade*
*o ato-de-contrição, no prantear dos mundos.*

*Interrogando a tétrica espessura*
*daquela noite escura*
*como a consciência negra do assassino,*
*um vulto pressuroso, um mesto peregrino*
*corria, ao léu, desabaladamente,*
*espantado, assombrado,*
*como a fugir de um inimigo irado*
*que o perseguisse alucinadamente.*

*Era Samuel Beli-Bete. Era um judeu*
*de coração mais duro que o granito;*
*soldado mais feroz que a própria hiena;*
*líder da horda que a Jesus aprisionara.*
*Esmurrara, cuspira, injuriara*
*aquela face cândida e serena,*
*satisfazendo, assim, o desumano hebreu*
*seu instinto maldito.*

. . . .

*Depois Jesus seguia em rumo do calvário...*
*E cansado da aspérrima jornada,*
*ao passar junto à casa do sicário,*
*levando aos ombros nus a rude cruz pesada,*
*pedira-lhe uma sombra, um pouco de água pura,*
*a fim de amenizar a bárbara secura*
*daquela caminhada de amargura.*

*E esse homem perverso e sanguinário*
*nada, nada lhe dera.*
*Apenas lhe dissera,*
*sarcástico e feroz:*
*– "Meu nazareno inválido e tremente,*
*se és o Messias verdadeiramente,*
*faze um milagre aqui perante nós.*
*Oh! majestade mísera, desnuda,*
*faze falar a minha mãe, que é muda.*
*Se o não fizeres, pobre rei sem norte,*
*prossegue, avança em rumo do calvário!*
*Caminha pra teu fim! Caminha para a morte!"*

*E mais uma nojenta cusparada*
*no rosto de Jesus era lançada.*

*Nesse instante, no entanto, uma voz misteriosa*
*bradara-lhe, tremenda, sentenciosa:*
*– "Homem sem Deus, sem fé, sem coração,*
*sê maldito!*
*Caminha eternamente, ouvindo o forte grito*
*desta condenação!"*

> *"Sê, pelo mundo afora, um sinistro andarilho!*
> *Que todos: seja pai ou mãe, esposa ou filho,*
> *neguem-te tudo a ti, como negaste Àquele*
> *que sobre a terra, e o mar, e o próprio céu excele".*

*"E neste eterno andar jamais se te ofereça*
*uma pedra, sequer, ao pouso da cabeça.*
*Serás chamado de* ***Judeu Errante****.*
*Caminha! Adiante! Adiante!"*

. . . .

*Beli-Bete viu Jesus, ao longe, ir prosseguindo,*
*gotejante de sangue o Gólgota subindo...*
*E então ele sentiu*
*invencível terror.*
*E, ao impulso de uma força estranha, interior,*
*partiu...*

> *O tempo transcorria...*
> *O sol já moribundo*
> *na curva do horizonte aos poucos se sumia...*
> *E eis que o crepe da noite amortalhava o mundo*
> *em negrume profundo.*
> *E então de Beli-Bete a exótica figura,*
> *dentro da escuridade pavorosa,*
> *semelhava um gênio mau de horrenda catadura,*
> *perquirindo a floresta emaranhada, umbrosa.*
> *E a todo instante ouvia uma voz escarninha*
> *que lhe bradava em regelante grito:*
> *– "Samuel, se maldito!*
> *Caminha! Caminha!"*

*E o covarde judeu, tiritando, corria,*
*em seu caminho eterno...*
*Eis que chega a uma gruta*
*enorme, tumular, escura como o averno,*
*estranha galeria*
*cheia de antigos túmulos cavados*
*em plena rocha bruta,*
*a tresandar emanações infectas,*
*Chamavam-na os passantes, assombrados,*
*– Vale dos Profetas.*

*Beli-Bete ia fugir. Mas, entrementes,*
*escutou um chocar de ossos contra ossos.*
*E divulgou, então,*
*macabra multidão de máscaras tão feias,*
*que o sangue fez se lhe gelar nas velas:*
*– Esqueletos ferais*
*erguiam-se dos fossos,*
*de olheiras abismais*
*e enormes dentaduras.*
*E, acercando-se dele, hediondos, sorridentes,*
*pareciam zombar das pobres criaturas*
*que no mundo falaz se toucam de vaidade,*
*como se numa esquálida caveira*
*não se resuma a vida passageira,*
*em sua verdadeira e triste realidade.*

*E, nesse mesmo instante,*
*eis que uma voz possante,*
*(a voz de Absalão)*
*Como um rebôo longínquo de trovão,*
*dentre as tumbas falou, rouquenha e fria:*
*– "Caminha, Samuel! Caminha noite e dia!"*

*E no abismo da noite em trevas mergulhada*
*ele ouviu cascalhar diabólica risada.*

. . . .

*Sempre na sua marcha pressurosa,*
*o torvo hebreu, suarento, horrorizado,*
*regressou ao seu lar,*
*de onde saíra aflito e atormentado*
*pela força fatal, misteriosa*

*que o impelia a sempre caminhar.*
*Entrou, e procurou, desesperado,*
*sua entrevada mãe, Mas a velhinha,*
*ao vê-lo então gritou, num eco angustiado:*
*– "Retira-te, meu filho! O teu pecado*
*fez de ti neste mundo erva daninha.*
*É a justiça de Deus, oh! desgraçado!*
*Caminha, Samuel! Sempre caminha!"*

*Vendo o grande milagre consumado,*
*novamente partiu exausto e apavorado.*
*Além pousou, a medo,*
*sobre um penhasco, à sombra do arvoredo.*
*Mas das negras escarpas do rochedo*
*uma voz reclamou, grave e medonha:*
*– "Não me nodoes com tua vil peçonha.*
*Vai! Cumpre do destino os desígnios fatais,*
*que teu caminho não acaba mais!"*

*E o judeu caminheiro prosseguia...*
*De sua própria sombra em pânico fugia.*

*Na seqüência da caminhada ingrata,*
*banhado de suor, tremendo de canseira,*
*tal se tangido fosse a golpes de chicote,*
*chocou-se brutalmente em plena mata,*
*no rijo caule de senil figueira.*
*Recuou, assombrado...*
*E eis que depara*
*o cadáver do infame Iscariote,*
*preso à corda em que à noite se enforcara.*

*E uma cor fantástica, rubente,*
*como nódoas de sangue, pelo chão,*
*brilhavam-lhe ao redor sinistramente*
*as moedas malditas da traição.*

*A Divina Justiça, em sua onipotência,*
*das moedas fizera ao pérfido traidor*
*trinta carvões em fogo atroz, abrasador,*
*cauterizando sempre a sua consciência.*

*Beli-Bete ia afastar-se, em seu fadário triste.*
*Trovejante, entretanto, a voz brutal de Judas*
*fez-se ouvir reboar dentro das trevas mudas:*
*– "Samuel Beli-Bete, és meu irmão,*
*pois nos irmana a eterna maldição.*
*Eu não sei de nós dois, perante o Deus Sublime,*
*quem praticou mais ominoso crime:*
*– Se foste tu, que o rosto Lhe feriste;*
*– se fui eu, que feri Seu coração.*

*"Eu sou o vil sacrílego traidor;*
*és o frio carrasco acusador.*
*Eu vendi-O, covarde, para o vício;*
*tu compraste-O, cruel, para o suplício.*
*Mercadejei meu Chefe aos fariseus;*
*tu cuspiste na face ao próprio Deus.*
*Sê, portanto, oh! precito,*
*como eu, pelos séculos, maldito.*
*No fundo de nossa alma torva, impura*
*permanente vulcão abre em fervura,*
*lançando o fogo atroz do próprio inferno,*
*na execução deste castigo eterno;*
*rubro vulcão que lembra agitação telúrica,*
*com crateras, e lama, e exalação sulfúrica".*

*"Infortunado amigo,*
*sobre ti e sobre mim a maldição se aninha.*
*Caminha, desgraçado! É este o teu castigo.*
*Caminha! Caminha!"*

*Desde esse dia o mísero Samuel,*
*alcunhado também* ***Judeu Errante****,*
*corre, na caminhada intérmina e cuel.*
*E escuta, sempre e sempre, escuta a todo instante,*
*a vingadora voz que a vida lhe espezinha,*
*clamando-lhe, implacável,*
*como eterna sentença inapelável:*
*– "Caminha! Caminha!"*

## FAGULHAS

*A poesia não tem data nem pátria. Brilhante ontem, decadente hoje, ressurgirá radiosamente amanhã.*

*Cruz Filho*

*A Francisco Felipe Rocha*

*A pequenina semente,*
*quando se planta no chão,*
*jå leva seu contingente*
*de riqueza pra Nação.*

*Acredite: esses favores*
*que você faz ao velhinho,*
*o bom Deus transforma em flores,*
*para enfeitar seu caminho.*

*Saudade – fotografia*
*de alguém que se foi embora.*
*Oração de cada dia,*
*que eu recito a cada hora.*

*Há de um século a metade*
*meu pai, já velho, finou,*
*nos deixando esta saudade*
*que nunca mais se acabou.*

*Este mangue exuberante,*
*que de flores se coroa,*
*lembra um muro verdejante*
*erguido ao pé da camboa.*

*Palmas para o audaz vaqueiro,*
*louvado em todo o sertão.*
*Este grande herói campeiro*
*já se sagrou campeão.*

*Fui contar as minhas mágoas*
*ao mar. Porém, foi tolice,*
*pois o murmulho das águas*
*não deixou que ele me ouvisse.*

*Da flor a linda corola*
*seca e espalha no chão,*
*mas seu odor que se evola,*
*sobe, buscando a amplidão.*

*Na vida em comunidade*
*guarde sempre esta lição:*
*– em vez de rixa – amizade:*
*– em vez de rancor – perdão.*

*Aquela intensa esperança*
*do tempo da mocidade,*
*ficou em minha lembrança,*
*na meiguice da saudade*

*Preservemos, desde agora,*
*a natureza, meu irmão.*
*Se o homem protege a flora,*
*a flora protege o chão.*

*O pobre que pede esmola,*
*com fome, com precisão,*
*bem pouca cousa consola;*
*basta um pedaço de pão.*

*Pescador que o mar enfrentas*
*na bonança ou na voragem,*
*em verdade representas*
*alto padrão de coragem.*

*Se ventura é sua meta,*
*aqui não deve esperar.*
*Felicidade completa*
*o mundo não pode dar.*

*Nunca pises o sapinho*
*que em busca das águas vem.*
*– Por que matar um bichinho*
*que não faz mal a ninguém?*

*Estas ondas coroadas*
*de espuma alvinitente,*
*lembram montanhas nevadas,*
*em oscilação permanente.*

*Não maldigas o teu fado,*
*se algo houver que te apoquente.*
*Retoma o trilho encetado,*
*pisa firme e segue em frente.*

*Para os irmãos mais validos,*
*nossos gestos de amizade.*
*Para os pobres e os decaídos,*
*nossa solidariedade.*

*Na Cruz foi escrita um dia*
*Por Jesus – Deus do perdão,*
*a Carta de Alforria*
*da nossa libertação.*

*Todo homem inteligente,*
*de cérebro puro e fecundo,*
*toma-se luz refulgente,*
*capaz de brilhar no mundo.*

*– A vida é fardo pesado,*
*vivem muitos a dizer,*
*cada qual com mais cuidado,*
*temendo a vida perder.*

*Salve o dia que amanhece,*
*na beleza matutina!*
*Salve o sol que nos aquece,*
*e a terra toda ilumina.*

*Bela, excelente, sem par,*
*és tu, oh! Pátria gentil.*
*Ninguém pode duvidar*
*da grandeza do Brasil.*

*Se você mente, senhora,*
*não deve se descuidar*
*que a mentira só demora*
*até a verdade chegar.*

*A lua é como a ventura,*
*lá no céu nos iludindo.*
*Quando havê-la se procura,*
*vai fugindo... vai fugindo...*

*Bendita seja a família*
*– germe da sociedade –*
*que na constante vigília,*
*procura a felicidade.*

*Diz Carlos Drumond de Andrade*
*que "amar se aprende amando".*
*Eis uma linda verdade*
*que o poeta está ensinando.*

*Garotinhos brincalhões*
*– pequeninas esperanças –*
*tivesse eu mil corações.*
*prá mais amar as crianças.*

*Na cruz, de sangue marcada,*
*Jesus, em Sua bondade,*
*fez rebrilhar a alvorada*
*do perdão pra humanidade.*

*Seja firme e resistente,*
*no afã de evitar o vício.*
*Senão, ele, certamente*
*fará o seu sacrifício.*

*O agricultor que é forte,*
*constante profissional,*
*se constitui num suporte*
*da riqueza nacional.*

*Ceará velho de guerra,*
*de solo quente e fecundo,*
*para mim tu és a terra*
*mais rica e melhor do mundo.*

*Fuja do álcool, meu amigo;*
*evite sempre a bebida,*
*que constitui um perigo*
*ao longo de sua vida.*

*Teu eco, sino sagrado,*
*gosto muito de escutar,*
*e, atendendo ao teu chamado,*
*na minha igreja rezar.*

*Numa tarde amarga e mansa*
*minha mamãe Deus levou.*
*Mas sua terna lembrança*
*no meu coração ficou.*

*Deus, no Seu saber profundo,*
*tudo de bom nos criou.*
*Mas o mal entrou no mundo*
*no dia em que Adão pecou.*

*Os sonhos que me nutriram*
*de ilusões e de esperança,*
*de minhalma já fugiram.*
*Só resta mesmo a lembrança.*

*Para evitarmos o assédio*
*perigoso da violência,*
*um eficiente remédio*
*é, certamente, a prudência.*

*Se amor fosse pecado,*
*tal como já disse alguém,*
*eu já estava condenado,*
*por tanto te querer bem.*

*Se existe no seu caminho*
*alguém que você odeia,*
*não o detrates, que é mesquinho*
*falar mal da vida alheia.*

*Velhinhas, que andais aos trancos,*
*sois, neste mundo falaz,*
*anjos de cabelos brancos,*
*plantando as flores da paz.*

*As drogas, o entorpecente,*
*em sua obra fatal,*
*arruínam muita gente,*
*na saúde e na moral.*

*Há no homem do sertão*
*com sua rusticidade,*
*muita vez bom coração,*
*nobreza e fidelidade.*

*Olhos castanhos, azuis,*
*verdes, negros... qualquer cor,*
*pra mim não importa a luz;*
*todos eles têm amor.*

*Fez o Pai da Criação:*
*terra, seres, água e luz...*
*E pra nossa salvação,*
*mandou Seu Filho Jesus.*

*Filhos, é vosso dever*
*amar e honrar vossos pais*
*Somente haveis de colher*
*aquilo que semeais.*

*O trabalho, a galhardia*
*de um povo nobre e cristão*
*sejam sempre a garantia*
*do progresso da Nação.*

*Esses teus cabelos de ouro,*
*repartidos em bandó,*
*valem mais do que o tesouro*
*das arcas de Faraó.*

*A famosa escravatura*
*– Tráfico desumano e vil –*
*deixou uma mancha escura*
*na História do Brasil*

*Que os moços, com sua idade,*
*seu ideal juvenil,*
*representem, de verdade,*
*o futuro do Brasil.*

*Dizem que o amor é crime.*
*Mas nisto eu não posse crer.*
*Sentimento tão sublime*
*que delito pode ser?*

*Eu penso na Juventude*
*com esperança e carinho,*
*pedindo a Deus que a virtude*
*alumie o seu caminho.*

*Vi você levar, sorrindo,*
*o ceguinho pela mão,*
*E imaginei como é lindo*
*o seu nobre coração.*

*Eu tenho um mundo risonho*
*guardado em meu coração:*
*– universo do meu sonho,*
*resto de antiga ilusão.*

*Lamento esse pobre louco*
*que ao léu da vida ficou.*
*Pra ele foi muito pouco*
*o que da vida tocou.*

*Louvemos o professor,*
*que, da juventude e infância*
*aclara, no seu labor,*
*as trevas da ignorância.*

*Ver a terra cultivada*
*sempre foi preocupação*
*dos que ficam na estacada,*
*lutando em prol da Nação.*

*Como és linda, meiga lua,*
*em tua cor de cristal!*
*Rosa branca que flutua*
*em seu jardim sideral.*

*Ao irmão analfabeto,*
*imerso na escuridão,*
*dê, além de seu afeto,*
*sua quota de instrução.*

*Brasil, país-continente;*
*berço de sábios e heróis,*
*com que aprumo e força ingente*
*o teu progresso constróis!*

IMPRENSA OFICIAL DO CEARÁ – IOCE
*Digitalizado por Rosimeire Freitas, 2024*

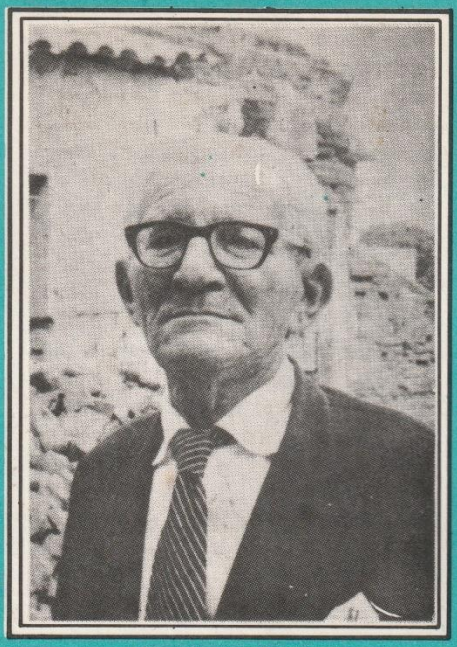
*Mas, afinal de contas, qual a temática do novo livro de Nicodemos Araújo? Como o título é indicativo, trata do idílio amoroso – exaltação à terra e à gente, um relicário de sonhos, de ternura e de amor por todas as coisas belas da vida. O livro mantém, ainda, um clima de oração, como um* ***Livro de Horas.*** *E nesse particular, Nicodemos Araújo se identifica com o poeta Antônio Tomás, no sentido e no sentimento religioso. Seu livro está pleno de citações bíblicas e sonetos que falam do amor divino.*

*Também a imagem dos tempos "idos e vividos" está presente em quase todos os momentos dessa obra inesquecível, como a dos vitrais dos templos – imagem que traduz emoção e pureza no olhar sobrenatural dos anjos e dos santos. Seus versos exaltam a terra, o homem, o amor, os sofrimentos humanos. Há uma paz que se adivinha através de seus versos, como um hino, um canto, uma sinfonia de cores, que tanto pode vir do âmago de seu coração como dos recônditos da alma.*

*Fiel à sua problemática religiosa – marca de sua poesia –, e por extensão de tudo quanto faz na vida, Nicodemos Araújo é bem o exemplo do Bom Pastor, do eremita, este jovem ancião, sempre renascido em águas novas, à proporção que os dias vão gastando nossos dias e nos aproximando mais de Deus em aliança com os homens.*

***Sinfonia do Coração*** *mostra o que há de mais puro em matéria de arte (poesia) e se projeta no tempo com a maturidade e a experiência do autor, como parte integrante da vida que, em verdade, não acaba nunca.*

***JOSÉ ALCIDES PINTO***



Nicodemos Araújo

*Mede-se a vida não só por sua duração, mas também e sobretudo pela intensidade com que é vivida.*

*Ora, a Poesia é a expressão máxima do instinto vital, o momento em que este, ultrapassando por um instante o relativo, atinge o belo e contempla o absoluto. O poeta, portanto, é a voz da vida, a encarnação mesma da forma superior do Ser, porquanto vive em si e nos outros, e, graças a esta múltipla vivência, penetra nos meandros mais íntimos da emoção.*

*De Nicodemos Araújo bem poderemos dizer que toda sua produção artística pauta-se por sua existência. Viveu, mais que escreveu, sua poesia. Pois se da teoria vive a mente e do abstrato nutre-se o intelecto, é, no entanto, somente a prática do bem que fecunda os corações e constrói para o amanhã.*

*Este livro, vigésimo de sua lavra, apenas reafirma uma vocação que nasceu há mais de sessenta anos e que agora encontra sua própria plenitude.*

*Dimas Carvalho Muniz*

IMPRENSA OFICIAL DO CEARÁ – IOCE